

PODER

Reorganização para poder avançar

Bolsonaristas vão em busca de novas bandeiras para levantar. E usá-las para tornar competitiva postulação do filho 01 ao Planalto

» DANANDRA ROCHA

Ed Alves/CB/D.A Press



Senador foi ungido pelo pai como representante do clã na corrida presidencial. Pesquisas de opinião mostram que candidatura pode encorpar

O bolsonarismo chega a 2026 diante de um dilema estratégico, que combina sobrevivência política, disputa interna e necessidade de reconstrução discursiva. Com Jair Bolsonaro fora do jogo eleitoral após a prisão, o movimento tenta se reorganizar em duas frentes principais: a manutenção da narrativa de perseguição judicial e a busca por relevância política, no Brasil e no exterior, enquanto trabalha para consolidar o senador Flávio Bolsonaro (PL-RN) como herdeiro do capital político do ex-presidente.

A indicação do filho 01, embora tenha reposicionado o debate dentro da direita, não foi suficiente para unificar o campo conservador. Governadores, lideranças partidárias e setores do centro-direita seguem cautelosos, monitorando pesquisas, avaliando cenários e preservando alternativas para uma eventual composição de segundo turno.

Líder da oposição no Senado, Rogério Marinho (PL-RN) reconhece a diversidade interna como uma característica histórica da direita brasileira. “A direita, ao contrário da esquerda, tem uma questão peculiar, que é a multiplicidade. Há pluralidade de nomes, de lideranças e de segmentos”, afirmou. Segundo ele, o lançamento de Flávio Bolsonaro ainda é recente e passa por um “processo natural de decantação” dentro dos partidos.

Marinho sustenta que a escolha partiu da principal liderança do campo conservador. “A grande liderança que nós temos no país está presa de forma injusta e tomou a decisão de indicar o Flávio”, disse. Para o senador, o filho 01 do ex-presidente reúne experiência política, trânsito em Brasília e capacidade de vocalizar o projeto bolsonarista. “Há uma boa expectativa em relação a 2026”, acrescentou.

Efeito contrário

Na Câmara, o líder do PL, Sós-tenes Cavalcante (RJ), avalia que a prisão de Bolsonaro teve efeito inverso ao esperado por seus adversários. “Para a base bolsonarista, representa um marco de profunda indignação. Não é apenas a detenção de um líder político, mas o símbolo de uma tentativa de silenciar milhões de brasileiros”, afirmou. Segundo ele, o episódio ampliou a mobilização da base conservadora, especialmente entre eleitores evangélicos.

A tese de perseguição judicial permanece no centro da estratégia bolsonarista. O líder da oposição no Congresso, Izalci Lucas (PL-DF), afirma que Bolsonaro foi condenado sem que houvesse crime, em sua avaliação. “É uma vingança política. Essa forma de o STF julgar é inaceitável”, declarou. O parlamentar também aposta na consolidação de Flávio Bolsonaro como candidato e afirma que a direita seguirá unida para enfrentar o governo Lula.

As críticas ao Supremo Tribunal Federal, em especial ao ministro Alexandre de Moraes, são recorrentes entre aliados do ex-presidente. Izalci sustenta que, na sua leitura, o Judiciário perdeu a imparcialidade. “O STF virou um curral político”, disse.

Nos últimos meses, parte do bolsonarismo passou a apostar na repercussão internacional do caso Bolsonaro, especialmente junto aos Estados Unidos e ao presidente Donald Trump. A estratégia ganhou fôlego quando Moraes foi incluído na lista de sanções da Lei Magnitsky, sob acusação de violações de direitos humanos e censura. A posterior retirada das restrições, no entanto, reduziu as expectativas em torno dessa via.

Marinho evitou assumir protagonismo nessa agenda. “Eu nunca me vangloriei. Quem impôs as sanções foi o Trump, com base em estudos dos departamentos do governo americano”, afirmou, acrescentando esperar que não tenha havido “leviandade” no processo.

O líder da oposição na Câmara, Luciano Zucco (PL-RS), também procurou distanciar a direita brasileira da decisão do governo de Washington. “Quem aplicou a

Sondagens apontam potencial do senador...

As pesquisas mais recentes para a eleição presidencial de 2026, divulgadas em dezembro, mostram o presidente Luiz Inácio Lula da Silva na liderança em todos os cenários de primeiro turno. Mas indicam um cenário de equilíbrio crescente, ou até empate técnico, em eventuais disputas de segundo turno contra o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

O nome do filho 01 do ex-presidente ganhou força após ser indicado publicamente por seu pai como o pré-candidato oficial do PL. Abaixo, os números detalhados dos principais institutos de pesquisa eleitoral:

1 — Paraná Pesquisas (26 de dezembro)
Mostra o cenário mais acirrado no segundo turno, indicando que a direita está se unificando em torno de Flávio.
1º Turno: Lula (37,6%) x Flávio Bolsonaro (27,8%).

2º Turno: Lula (44,1%) x Flávio Bolsonaro (41,0%).
Nota: com margem de erro de 2,2 pontos, os candidatos estão em empate técnico.

2 — Genial/Quaest (17 de dezembro)
Apresenta uma vantagem um pouco mais confortável para o presidente, mas confirma Flávio como o nome mais

competitivo da oposição no momento.
1º Turno: Lula (37%) x Flávio Bolsonaro (23%).

2º Turno: Lula (46%) x Flávio Bolsonaro (36%).

3 — Datafolha (6 de dezembro)
Registrou a maior vantagem de Lula entre os grandes institutos no início do mês. O presidente tem 15 pontos de vantagem no levantamento.
2º Turno: Lula (51%) x Flávio Bolsonaro (36%).

Tendências e constatações

Liderança de Lula — O atual presidente mantém uma base sólida (entre 37% e 51%, dependendo do instituto e do turno), liderando todas as simulações espontâneas e estimuladas.

Ascensão de Flávio — Após a confirmação de sua pré-candidatura, o filho 01 Bolsonaro ultrapassou outros nomes da direita, como o do governador Tarcísio de Freitas (que tem sinalizado preferência pela reeleição em São Paulo) e o da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. Consolida-se como o “herdeiro” dos votos do pai.

Rejeição — A rejeição de Lula oscila em torno de 44% a 46%, enquanto a de Flávio está na casa dos 38%, segundo os dados mais recentes do Datafolha e do Paraná Pesquisas.

Geraldo Bubniak/Governo do PR



Ratinho Júnior é considerado uma alternativa de direita não radical

Magnitsky foi o governo norte-americano. Essa pergunta precisa ser direcionada a eles”, disse. Questionado sobre uma eventual expectativa de interferência externa no caso Bolsonaro, respondeu: “Não. O mundo está atento ao que está por vir”.

Já o deputado Sargento Fahur (PSD-PR) reconheceu frustração em parte da base bolsonarista. “Houve uma expectativa. O Trump

sinalizou que faria algo, mas acabou recuando”, afirmou. Para ele, a lição é direta: “Se alguém precisa fazer alguma coisa pelo Brasil, é o povo brasileiro”.

O deputado Luiz Lima (Novo-RJ) adotou uma leitura mais crítica. “Talvez tenha sido ingenuidade acreditar que os Estados Unidos tomariam as rédeas da situação”, avaliou. Para ele, a retirada das sanções evidenciou fragilidades

...mas reveses públicos podem fragilizar candidatura

O ano que chega ao fim foi marcado por uma série de reveses significativos para o bolsonarismo, consolidando o que analistas chamam de “inferno astral” do movimento. As derrotas ocorreram em três frentes principais: jurídica, institucional e política. Abaixo, os episódios mais marcantes:

1. A Prisão de Jair Bolsonaro
A maior derrota simbólica e prática ocorreu em novembro de 2025, quando o ministro Alexandre de Moraes decretou a prisão preventiva do ex-presidente.

Motivo: Bolsonaro foi condenado por tentativa de golpe de Estado (atos de 8 de Janeiro e no pós-eleição de 2022). A prisão foi validada por unanimidade pela Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal.

Consequência: além da detenção, a condenação criminal estendeu sua inelegibilidade até 2060 (conforme a Lei da Ficha Limpa, que conta oito anos após o cumprimento da pena de 27 anos).

2. Cassações na Câmara dos Deputados
O núcleo duro do bolsonarismo no Congresso sofreu perdas drásticas com a cassação de mandatos de figuras centrais: Eduardo Bolsonaro (PL-SP); Teve o mandato cassado após

passar meses nos EUA em um “exílio voluntário”, alegando perseguição política. A Mesa Diretora entendeu que o afastamento sem autorização configurou quebra de decoro e abandono de cargo.

Alexandre Ramagem (PL-RJ): também perdeu o mandato em um processo similar, depois de ter fugido para os Estados Unidos. Isso enfraqueceu a representação da família no Legislativo.

Carla Zambelli: teve sua perda de mandato consolidada após condenações por perseguição armada e invasão de sistemas do Judiciário. Está presa no setor feminino da permitenciária de Rebibbia, em Roma, à espera do desenrolar do processo de extradição para cumprir pena no Brasil.

3. Fracasso da “Ofensiva Internacional”
A estratégia liderada por Eduardo Bolsonaro de buscar sanções internacionais contra o Brasil e contra ministros do STF funcionou de início, mas acabou sendo revertida:

EUA e Lei Magnitsky: apesar do lobby com parlamentares da ala radical republicana, o governo dos EUA e a Casa Branca mantiveram uma postura pragmática, tratando a prisão de Bolsonaro como uma questão interna brasileira



A direita, ao contrário da esquerda, tem uma questão peculiar, que é a multiplicidade. Há pluralidade de nomes, de lideranças e de segmentos. A grande liderança que nós temos no país está presa de forma injusta e tomou a decisão de indicar o Flávio. Há uma boa expectativa em relação a 2026”

Rogério Marinho (PL-RN), líder da oposição no Senado e um dos articuladores da pré-campanha do filho 01

e negando a imposição de sanções ao ministro Alexandre de Moraes, do STF, e à mulher.

Isolamento diplomático: a narrativa de “ditadura judicial” não encontrou eco em organismos internacionais como a OEA, que emitiu pareceres reconhecendo a solidez das instituições brasileiras.

4. Desidratação do PL e Operações da PF: o Partido Liberal (PL), que se tornou o maior partido do país surfando na onda bolsonarista, enfrentou uma crise interna de sobrevivência:

Escândalo Sós-tenes Cavalcante: a Polícia Federal apreendeu cerca de R\$ 470 mil em espécie com o deputado, um dos principais líderes da bancada evangélica e aliado de primeira hora de Bolsonaro. A investigação sobre desvios e rachadinhas atingiu em cheio a imagem do grupo.

Veto à anistia aos golpistas: o Congresso e o Executivo mantiveram-se firmes contra o projeto de anistia aos envolvidos no 8 de janeiro de 2023. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva confirmou o veto ao PL da Dosimetria, que pretende rever, para fins de redução, das penas para os golpistas — um deles o próprio Jair Bolsonaro.

Paulo Guereta/Governo de SP



De candidato preferencial contra Lula, Tarcísio deve se voltar à reeleição

institucionais internas e reforçou que soluções externas não substituem o debate doméstico.

Peça central

Apesar das divergências, Flávio Bolsonaro é tratado pela maioria das lideranças ouvidas como peça central do tabuleiro conservador. Sós-tenes afirma que o senador “representa fielmente o legado do

pai”, pelo compromisso com pautas conservadoras. Izalci descreve Flávio como “um político do diálogo” e avalia que a escolha de Jair Bolsonaro foi “assertiva”.

Há, no entanto, o reconhecimento de que a direita segue fragmentada. Zucco cita nomes como Romeu Zema (MG), Ratinho Júnior (PR) e outros governadores como alternativas em circulação. Para ele, a multiplicidade não enfraquece

necessariamente o campo conservador, conquanto haja convergência no segundo turno. Avaliação semelhante faz Domingos Sávio (PL-MG), que vê na diversidade de candidaturas uma possível estratégia eleitoral, desde que não se transforme em confronto interno.

Entre a prisão de seu principal líder, a indicação de um sucessor ainda em consolidação e o arrefecimento da estratégia de pressão internacional, o bolsonarismo entra em 2026 em processo de redefinição. O discurso de perseguição judicial segue como elemento mobilizador, mas convive com a necessidade de ampliar alianças e dialogar com setores além da base mais fiel.

Sem Bolsonaro nas urnas, o movimento enfrenta o desafio de converter capital simbólico em viabilidade eleitoral concreta. Em conversas reservadas, parlamentares admitem que o sucesso dessa transição dependerá menos do peso do sobrenome do ex-presidente e mais da capacidade de Flávio e de seus aliados de unificar a direita, construir pontes com o centro e apresentar um projeto competitivo em um cenário político ainda aberto.